



Opinião Econômica

Laura Müller Machado

Mestre em Economia Aplicada pela USP, é professora do Insper e foi secretária de Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo

banrisul

Além da qualificação profissional

É preciso diagnosticar a causa de cada exclusão do mercado e ofertar solução

Todos concordamos que as chances de um adulto encontrar um trabalho aumentam muito a depender de sua qualificação. Para resolver o problema de quem precisa encontrar um trabalho, mapear a causa do problema deve ser o primeiro passo.

As causas do desafio de inclusão produtiva podem ser muitas: o trabalhador desconhece onde estão as ofertas de trabalho, não tem acesso a insumos produtivos, como microcrédito, não tem acesso à comercialização de seus produtos, não tem apoio de cuidadores para ter tempo disponível, entre outros. Priorizar apenas qualificação, sem discutir sua qualidade, provavelmente será pouco resolutivo.

O trabalho é um direito humano fundamental, conforme estabelecido no artigo 23 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, e um direito social assegurado pelo artigo 6º da Constituição. É também o principal meio pelo qual uma parcela relevante da população adulta subutilizada pode superar a situação de pobreza e conquistar autonomia.

Segundo a Pnad de 2024, 4,7 milhões de vulneráveis que querem trabalhar seguem desocupados, subocupados ou desalentados. Não só violamos um direito como deixamos de produzir e gerar renda e riqueza.

Um estudo do Banco Mundial de 2024 chamado "O estado da inclusão econômica" analisou 405

programas que tinham como objetivo promover o trabalho e a inclusão ao trabalho. Um dos resultados mostra que 97% deles tinham a qualificação profissional como um de seus componentes.

Outro estudo, do Senado, apontou que as receitas de contribuições orçadas do Sistema S em 2023 foram da ordem de R\$ 30 bilhões. Portanto, não só apostamos enormemente na qualificação como principal forma de inclusão produtiva como alocamos um orçamento relevante nessa frente.

Metanálise de 2018 de autoria do Prêmio Nobel David Card e coautores analisou o impacto de 207 estudos que buscam fortalecer o trabalho. O impacto médio de curto prazo encontrado foi zero, ou

seja, os cursos não foram efetivos para promoção rápida do trabalho.

Os resultados parecem ser um pouco melhores em um horizonte de 2 a 3 anos. Avaliações de programas brasileiros, entre eles sobre o Pronatec, importante programa de qualificação, encontram resultados próximos de zero ou de baixa efetividade.


Esses resultados indicam que temos um longo caminho de aperfeiçoamento pela frente. Precisamos melhorar a qualidade desses cursos: será que eles estão conectados com o que o mercado precisa? Será que precisam de melhores professores? Será que a forma de oferta é inadequada?

Ofertar qualificação como política majoritária para o trabalho,

sem identificar o motivo de exclusão de cada trabalhador, pode não ser efetivo.

É de esperar que um bom curso, conectado com o mercado de trabalho e no momento adequado da carreira de um indivíduo, aumente a probabilidade de ele se empregar. O Brasil precisa atuar em muitas frentes para aumentar sua resolutividade para a inclusão ao trabalho.

Primeiro, precisa, a partir das avaliações, aperfeiçoar sua oferta de qualificação, conectando-a mais ao mercado de trabalho e garantindo qualidade. Segundo, precisa diagnosticar a causa de exclusão de cada trabalhador. Terceiro, mas igualmente importante, precisa ofertar soluções conectadas com a causa. A qualificação é importante, mas não é uma panaceia. A política de trabalho precisa dela, de qualidade, e de muitas outras frentes.



banriway

A vida financeira do seu filho começa aqui.

A nova conta para crianças e adolescentes do Banrisul.

Para eles terem **mais autonomia e segurança.**

banrisul

www.banrisul.com.br/banriway

Na Semana do Alimento Orgânico, Rama destaca o crescimento da agroecologia

AGRONEGÓCIO

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

A Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana (Rama) inicia, durante a XXII Semana do Alimento Orgânico, as atividades de comemoração pelos seus 15 anos de atuação. A programação ocorre até 30 de maio e inclui ações de divulgação da agroecologia, atividades de integração entre produtores e iniciativas voltadas à preservação de sementes crioulas.

No sábado, a entidade promoveu uma atividade na Feira Ecológica do Bairro Tristeza, localizada no encontro entre as avenidas Otto Niemeyer e Wenceslau Escobar, em Porto Alegre, com degustação de alimentos orgânicos certificados e conversa com consumidores.

Já nesta terça-feira, a associação realiza, em parceria com a Emater, a 13ª edição da Troca Anual da Arca de Sementes Benenice Antonini, na zona rural da capital gaúcha. O objetivo é preservar variedades tradicionais e estimular a troca de sementes entre agricultores. Os produtos da Rama estão presentes em todos os nove locais em que ocorrem feiras ecológicas na Capital.

Em visita ao Jornal do Comércio, o presidente da entidade, Maurício Ricardo Rech, explicou que a maior parte dos associados é formada por pequenos produtores familiares. Metade atua diretamente na produção agrícola e a outra metade no processamento de alimentos orgânicos, como pães, bolos, biscoitos, mel e derivados. "A grande maioria dos nossos associados está inserida nas feiras ecológicas de Porto Alegre, que seguem sendo o principal canal de comercialização", afirmou.

Atualmente, a Rama reúne 61 associados distribuídos em oito municípios da Região Metropolitana. Desses, 58 possuem certificação orgânica e três estão em processo de transição agroecológica.

A vice-presidente da associação, Rosane Fátima de Marco, destacou que o grupo começou de forma pequena, em 2010, quando os orgânicos ainda tinham pouca visibilidade comercial. "Foi um processo coletivo muito bonito. Hoje a gente percebe a diversidade enorme de produtos e a capacidade técnica que foi construída ao longo desses anos."

Ela afirmou que a entidade investiu continuamente em capacitação técnica e organização interna. As plenárias mensais reúnem produtores, técnicos e colaboradores para troca de experiências e discussão de práticas produtivas. A presença mínima de 70% dos associados nesses encontros é uma das exigências para renova-



Rosane, Rech e Ramos divulgam atividades nos 15 anos da associação

ção anual do Certificado de Conformidade Orgânica (CCO).

A certificação da Rama funciona por meio do sistema participativo OPAC (Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade Orgânica). No modelo, reconhecido pelo Ministério da Agricultura, produtores, consumidores, técnicos e instituições acompanham coletivamente o cumprimento das normas da produção orgânica.

Para o extensionista da Emater e colaborador técnico da asso-

ciação, Luís Paulo Vieira Ramos, a principal diferença do sistema participativo é o caráter educativo. "As OPACs funcionam como uma escola. Todo mundo visita e todo mundo é visitado. Existe fiscalização, mas também troca de conhecimento", explicou. Segundo ele, a Rama mantém atualmente nove comissões de visita, responsáveis por acompanhar as propriedades certificadas. As equipes mudam anualmente para ampliar o intercâmbio de experiências entre os produtores.

FABIOLA CORREA/IC